

MEMÓRIA E HISTÓRIA ENTRE ÍNDIOS BRASILEIROS:  
OS KADIWÉU E SEUS ETNÓGRAFOS  
DARCY RIBEIRO E GUIDO BOGGIANI

*Mônica Thereza Soares Pechincha\**

**Resumo**

Esse texto é resultado de uma pesquisa antropológica sobre a construção de mitos, da memória e da história entre os índios Kadiwéu (Mato Grosso do Sul) a partir do trabalho de campo de dois etnógrafos, Guido Boggiani (1892-97) e Darcy Ribeiro (1947-48). Assim, a presença desses dois etnógrafos em diferentes momentos da trajetória dos Kadiwéu marcou fortemente a memória do grupo.

Palavras-chave: Kadiwéu; memória; mitos; índios.

Tudo começou quando alguns Kadiwéu<sup>1</sup>, sobretudo alguns mais velhos, indagavam-me sobre o “Boggiano”. Lembro-me que anotava curiosa em meu diário de campo<sup>2</sup> a lembrança que ainda tinham do viajante italiano Guido Boggiani, que esteve entre os Kadiwéu nos anos de 1892 e 1897. Ingenuamente respondia que o cronista já havia falecido há muito tempo, tendo sido morto por um índio Xamakôko (G. Boggiani fora vítima do ataque de um Xamakôko que o guiava numa expedição no Chaco, em 1902, cf. BALDUS, 1975, p. 11). Em troca recebia uma expressão de desentendimento, mas sem nenhuma consideração posterior, já que parecia ser resultado de um mal entendimento de minha parte, decorrente da dificuldade de comunicação entre uma não falante do idioma Kadiwéu e um meio-falante do português.

\* Doutoranda em Antropologia - UnB

Darcy Ribeiro (1980), no prefácio de seu livro sobre os Kadiwéu, narrou uma cena memorável, dada no início de seu trabalho de campo, cinquenta anos depois da visita de Boggiani, quando, ao folhear o livro daquele viajante, causou grande perturbação na aldeia. Uma velha Kadiwéu, quando viu as fotografias, tomou o livro, sentou-se no chão, falou e gesticulou com exaltação. Imediatamente recordaram-se do cronista italiano. Quando Darcy Ribeiro contou-lhes sobre as circunstâncias da morte de Boggiani, emocionada, a velha cantou rodeada por outros Kadiwéu. Este último autor prossegue contando que o canto feito pela velha em homenagem e lembrança de Boggiani seria repetido inúmeras vezes sempre que levava o livro, e que seu parentesco com Bet'rra – nome dado pelos índios ao viajante italiano – o fazia ser recebido com festa em todas as aldeias que visitava (p. 11).

Este episódio valeu a Darcy Ribeiro a atribuição, pelos Kadiwéu, de um vínculo de parentesco com Boggiani, e mais, conforme as palavras do autor, dele “resultaria o nome tribal que os Kadiwéu me deram e a fixação de sua atitude básica para comigo e de minha própria postura diante deles” (p. 10). A Darcy Ribeiro chamaram de Bet'rra-yegi (Bet'rra ionigi? – filho de Bet'rra?).

Certa vez na aldeia, folheando o livro de Darcy Ribeiro, que estivera ali há quase cinquenta anos antes de minha pesquisa e nunca mais voltara, alguns Kadiwéu próximos logo identificaram o seu autor. A partir de então, correu grande curiosidade na aldeia a respeito do precioso exemplar que possuía. Foi desta forma que descobri que ainda não conheciam o livro. A história se repetia em parte, pois não fui considerada parente de Darcy Ribeiro, muito embora tenha a dever à posse do seu livro os primeiros convites, após quase um mês no campo, para visitar famílias Kadiwéu que o queriam ver. Com mais surpresa pude descobrir que o “Boggiano” sobre quem eventualmente me indagavam era Darcy Ribeiro.

Empunhava o livro como salvo-conduto entre aqueles índios que tanta resistência impunham à minha presença na aldeia, e ia recebendo informações sobre eles e sobre o “Boggiano”. Disseram-me que Boggiano foi um “chefe” entre os Kadiwéu, que percorreu com eles, em lombo de boi, toda a linha da fronteira de sua terra, que comia carne de caça, deixava-se pintar e, como eu, anotava nomes, tirava fotos e colhia histórias. Alguns associavam-no à defesa de seu território e fizeram-me

de emissária para informá-lo sobre os desmandos dos fazendeiros que arrendam suas terras: “o Boggiano é bravo, quando souber sobre estes fazendeiros, não vai deixar”.

Muito me surpreendeu o entusiasmo que causava em dar notícias de Darcy Ribeiro, bem como o de contarem passagens de sua passagem ali. As velhas se recordavam de detalhes: a comida que fizeram, a dança a que ele assistiu e o susto em ouvirem a sua voz emitida pelo seu aparelho de gravação. Creio que, na época, não tivessem clareza sobre o trabalho do antropólogo, mas hoje falam que ele teria sido o primeiro a procurá-los.

Pela experiência que tive, sei da desconfiança gerada pela presença de um estranho na aldeia. Como etnógrafa fui para o campo imbuída da convicção do projeto humanizador da antropologia e supunha que isto bastava para legitimar e garantir simpatia à minha presença. No entanto, deparei-me com uma grande resistência por parte dos Kadiwéu no início de minha pesquisa, o que me fez inclusive indagar sobre a possibilidade de dizer algo sobre um povo que não parecia interessado em divulgar nada do que é seu. Não pretendo estender-me sobre as dificuldades de acesso àquele povo que enfrentei. Faço-o apenas porque desejo inferir as razões do apreço à figura de Darcy Ribeiro. Menciono-as também, pois foram estas dificuldades que muito me disseram acerca das representações que os Kadiwéu constroem sobre os brancos.

Então vejamos: Guido Boggiani foi um viajante italiano, homem sensível às artes e as humanidades, que passou um período de três anos e meio no final do século XIX na região do alto curso do rio Paraguai, onde comerciava couros, desenhava paisagens e se ocupava em recolher informações etnográficas sobre os diversos povos do Chaco, acerca dos quais nos legou um importante registro. Naquele período, estive duas vezes entre os Kadiwéu. Em sua primeira visita, em 1892, passou dois meses e meio na aldeia de Nalique, a então maior e mais importante aldeia Kadiwéu, chefiada pelo célebre “capitão” conhecido como Capitãozinho. Boggiani visitou as principais aldeias – ou “tolderias” – Kadiwéu, que eram, além da de Nalique, a de Morrinho e a Etóquiya, de menor proporção.

Como registro dessa passagem, Guido Boggiani (1975) nos deixou o seu diário, rico na descrição das tolderias e do comportamento de seus habitantes. A consideração e o apreço que os Kadiwéu demonstraram

por sua visita fica evidente em seu relato. A este respeito escreveu: “(o Capitãozinho) é homem previdente e as suas instâncias demonstram o interesse que toma pela minha pessoa, sentindo-se honrado pela confiança que depositei nele e na sua gente, vindo sozinho habitar na aldeia dele, coisa que ninguém da minha condição havia tentado fazer até então” (1975, p. 128).

Apesar do seu distanciamento crítico de europeu representante da “civilização” e suas considerações evolucionistas, Guido Boggiani participou intensamente da vida daqueles índios naquele curto período: interessava-se por suas particularidades culturais; admirava o seu caráter “mais evoluído” em relação a outros povos do Chaco, os quais, em sua opinião, estariam ganhando em se tornarem “escravos” dos Kadiwéu; participava de suas cerimônias, festas, caçadas etc. Conta que causou enorme comoção quando adotou o traje tradicional dos homens Kadiwéu (um corte longo de tecido preso acima da cintura por um cinto trabalhado com tramas e contas). A ele foi dada uma moça Kadiwéu, com quem esteve casado em parte daquele período.

Darcy Ribeiro esteve entre os Kadiwéu nos últimos meses de 1947, e de julho a outubro de 1948 (1950, p. xi). Vinculado à perspectiva constituinte do pensamento dos pioneiros da etnologia brasileira, que logo se ocuparam com questões referentes a processos de aculturação e com a ordem e/ou fatores de “desorganização social” causadas pelos impedimentos impostos pelas compulsões do contato, o autor descreveu o povo que então estudou como hostilizado e oprimido, como representante de uma “variante do modo de ser dos brasileiros”, que vivia e vestia-se como a gente mais pobre da região, e vendia, por temporadas, seu trabalho nas fazendas vizinhas (1980, p. 7). Mas o caracterizou, ainda, como “representando uma ilha cultural de origem indígena”, de qualquer forma resistente à dominação e à assimilação (idem).

É do próprio autor a interpretação de que Guido Boggiani fora considerado pelos índios “como um kadiwéu porque incorporado à sua tradição como um dos brancos que vivera em suas aldeias e ali se casara” e, por tabela, ele próprio assim também o era, posto que aparentado com aquele, o que lhe valera um convívio “sem formalismo”, e mesmo “exageradamente pessoal e protetor” (1980, p. 12).

São escassas as informações sobre esse relacionamento especial dos Kadiwéu com Darcy Ribeiro. À exceção do precioso comentário

acrescentado ao seu livro no Prefácio escrito tantos anos após a pesquisa, parece não haver outras considerações sobre o assunto tornadas públicas por Darcy Ribeiro. Nos escritos que legou é econômico em mencionar passagens autobiográficas.

É conclusão do próprio Darcy Ribeiro a relevância primordial do episódio acima narrado como esclarecedor para ele da “metodologia etnológica”, que passaria por, ou exigiria, uma “profunda identificação” com o povo estudado. Sugere, então, que esta identificação precisa ser bilateral como pressuposto necessário à comunicação. Voltaremos a este assunto a seguir, já a partir da perspectiva dos próprios Kadiwéu.

### **A história da relação com o outro**

Na busca de indicadores sobre a forma como estes “outros” especiais, estes etnógrafos, foram inseridos nas representações Kadiwéu, parece ser um bom caminho seguir as pistas dadas pela história do relacionamento Kadiwéu com o outro em geral. Sobretudo porque a sociedade Guaikurú-Mbayá, da qual os Kadiwéu são hoje o únicos representantes, constituía-se do “outro”.

As mulheres Mbayá não tinham filhos, ou deixavam nascer apenas um. Para acrescentar os seus membros e se renovar, a sociedade Mbayá capturava crianças de outros povos. Esta é, portanto, uma sociedade que se fundava num grande ritual, ato de reafirmação simbólica e de sua constituição física: a guerra de captura.

A despeito de formas particulares de relacionamento estabelecidas contingencialmente e dadas pelo processo histórico, importa ressaltar que, via de regra, qualquer “outro” poderia ser capturado e incluído no seio da sociedade Kadiwéu. Referências históricas e depoimentos indígenas citam um conjunto de povos indígenas, sobretudo chaquenhos, e a espanhóis, portugueses, paraguaios ou brasileiros, todos igualmente fontes de “cativos”.

Ao mecanismo da inclusão do outro correspondia uma sociedade hierarquizada em dois pólos: no superior estavam os “capitães” e sua parentela; em qualquer linha ou grau, os considerados de pura descendência Mbayá. No inferior, estavam os “cativos”, que eram presas de guerra. Parece ter sido possível alguma gradação no interior desta hierarquia, dada pelo prestígio conquistado como guerreiro, o que não

significava, entretanto, a perda do estatuto de cativo. Tomando como necessária a inclusão de cativos ao núcleo Mbayá, reduzido em virtude do baixo crescimento demográfico, a sociedade Mbayá parece ter permitido alguma mobilidade social, que se deu através do “enobrecimento” de cativos por casamento ou adoção.

Hoje ainda permanecem distinções entre “senhores” e “cativos” Kadiwéu, e uma série de ritualizações destas distinções. Estas encontram esteio nas narrativas históricas e míticas a partir das quais os Kadiwéu se descrevem a si mesmos e aos povos onde buscavam novos membros.

Os Kadiwéu possuem muitas narrativas que têm como eixo orientador a construção da guerra e da relação com outros povos. Como o seu mito de criação, que fala, obviamente, do início desta sociedade e a separa das que lhe são diferentes. Explica o que é ser Kadiwéu e sua posição. Marca a passagem do cósmico ao histórico na atualização do desígnio do Criador:

Gonoenogodi retira os homens do subterrâneo e os separa em “nações”. No subterrâneo, homens e mulheres viviam juntos, sem indicadores que os separassem. A separação ocorreu no momento em que Gonoenogodi os puxou. O Caracará, companheiro do Criador, lembrou-lhe que faltava o seu povo, os Kadiwéu. Estes foram os últimos a serem retirados do buraco, e como nada restava-lhe para lhes dar, Gonoenogodi deu-lhes a prerrogativa de sobreviverem dos despojos da guerra a outros povos.

Os povos que outrora foram capturados também são contemplados no mito de criação, que diz sobre o seu destino e atribui um caráter específico a cada um deles. Características que são fonte de uma série de estereótipos aplicados às pessoas dentro do grupo, segundo a sua ascendência, e que influem na realização do “sistema de cativo” hoje.

Aqui importa salientar o que os Kadiwéu dizem a respeito dos brancos. Estes foram os que o Criador presenteou com maior aparato tecnológico. São também, por razões mais históricas do que míticas, os “outros” a quem os Kadiwéu não permitiam entrar em seus domínios. Pois a história determinou que eles ficariam separados por fronteiras, tanto simbólicas quanto territoriais, já que não poderiam compartilhar o mesmo projeto. Em suas narrativas, os Kadiwéu se descrevem como os guerreiros que, incondicionalmente, não recebiam e matavam qualquer

branco que intentasse penetrar ou se aproximasse de seu território<sup>3</sup>. Na categorização deste outro, o antagonismo é a marca predominante. Guido Boggiani e Darcy Ribeiro foram excluídos afetivamente desta representação.

Cabe notar que a versão do mito de criação acima apresentada convive com outra, mais freqüentemente relatada, que diz que, ao retirar os Kadiwéu do buraco, o Criador lhes oferece o destino de serem andantes pelo Pantanal, vivendo em casas de palha, alimentando-se dos recursos que lhes oferece a natureza. Determina, desta forma, que os Kadiwéu continuem a ser índios, condição da garantia de sua sociedade e de seu território, preocupação recorrente em seu discurso. Quanto mais afirmarem a sua diferença, menos vulneráveis estarão às ameaças da “civilização”.

### **Sinais da apropriação?**

Certo é que a sociedade Kadiwéu nunca foi avessa à inclusão de estrangeiros. Elementos da cosmologia Kadiwéu evocam esse seu movimento peculiar. Há outro mito Kadiwéu que também fala sobre a guerra de captura e faz perceber como é equacionada a inclusão de novos membros vindos de fora. Tal mito, do qual extrairei apenas algumas passagens, expressa de uma forma mais detalhada a teoria nativa da apropriação do outro, quanto mais por ter sido narrado com esta intenção. Inclui-se na categoria que chamei de “mitos de nominação”, da qual também faz parte o mito de criação. Os mitos de nominação possuem a qualidade especial de fornecerem o elenco de nomes pessoais usados pelos Kadiwéu. São histórias que os informantes qualificam de “sagradas”. Os temas que constituem o seu enredo remetem a um tempo onde ações culturais foram dadas como exemplo ao povo que as desenvolveriam. Neles são expressos ensinamentos, conselhos, prescrições, são, conforme dizem os Kadiwéu, atos “da primeira indiada”, os “primeiros que fizeram”.<sup>4</sup>

Os Kadiwéu contam que Nitikana, uma ancestral mitológica de uma das famílias de capitães, ela mesma uma “capitã”, era uma personagem que, desde criança, por uma série de contingências, deixara o convívio de sua sociedade para se internar em locais longínquos. Em um destes seus retiros, Nitikana pare um filho de onça. Nasce, então,

Niwelanigi, criança que muitas vezes se depara e se confunde com sua situação de meio-bicho. Por insistência de seu filho, Nitikana resolve retornar à aldeia de seus pais. Certo dia, o avô de Niwelanigi, ao usar uma enxada, corta-se por descuido. Seu neto aproxima-se ávido para lambe o sangue que sua ferida derramava. Niwelanigi comia carne de gente e foi quem deu “o exemplo para a indiada” de fazer a guerra e trazer crianças de outros povos: “a indiada ia bater no outro índio para buscar a comida de Niwelanigi”. Quando homem, Niwelanigi não recorda mais seu passado antropofágico, reúne todos os povos indígenas e lhes dá a lei.

Este mito metaforiza a atitude Kadiwéu que captura outros povos e “civiliza”. Se esta sociedade teve suas bases de sustentação na assimilação do outro e na transformação do outro no mesmo, este movimento reproduz-se numa “economia do relacionamento entre os símbolos” (RICOEUR, 1969, p. 52). Assim, o movimento da apropriação física do outro será repetido com relação a outros aspectos da cultura Kadiwéu. Sociedade baseada cosmologicamente no ato do rapto, os Kadiwéu contam através de seus mitos e ritos que se apropriaram não só do outro, mas de elementos da cultura do outro<sup>5</sup>.

O mito de Niwelanigi excluiu notavelmente os brancos, mas eles aparecem em outros mitos, também contemplados sob o prisma da guerra. Um outro mito Kadiwéu conta sobre a guerra movida contra eles pelos brancos: uma moça paraguaia, querida entre os Kadiwéu, sempre ia visitá-los. Demorou-se a retornar por algum tempo pois sua avó havia falecido. Quando contou aos índios o motivo de sua demora, estes quiseram impor-lhe os rituais indígenas de luto. Cortaram-lhe à força os cabelos e raspam-lhe as sobrancelhas. O pai da moça considerou um máximo insulto a atitude dos índios, reuniu os paraguaios e atacou os Kadiwéu numa cruel emboscada.

O branco fez a guerra contra os índios porque não pôde entender e quinhoar seus significados e, assim, estes últimos deveriam ser extintos. Já a guerra Kadiwéu não podia eliminar o outro. Aquele que é descendente de antigos cativos incluídos no seio da sociedade Kadiwéu terá seu comportamento às vezes qualificado de acordo com atributos étnicos que são pensados como inatos. Ainda assim, o outro incluído é um Kadiwéu, posto que a sociedade não se distingue da sua característica de formação. As duas condições se completam. O outro é qualquer um

contra quem se faz guerra. Já o membro apropriado torna-se um Kadiwéu e Kadiwéu é todo aquele que vive sob as mesmas leis, as compreende e as acata. Compartilhar referenciais é, portanto, condição de pertencimento.

Guido Boggiani viveu como um Kadiwéu, vestiu-se como eles, casou-se temporariamente com uma mulher do grupo. Estabeleceu uma relação de afinidade e, portanto, de comunicação (LÉVI-STRAUSS, 1982). Darcy Ribeiro valeu-se da sua identificação com o primeiro e estendeu sua comunicação pela prática etnográfica.

É fato comum o antropólogo vir a ser considerado um quase membro do grupo que estuda. Muitos antropólogos foram “adotados” por seus grupos de estudo, que lhes conferiram um nome, uma família etc. Entretanto, outros antropólogos estiveram entre os Kadiwéu e não são igualmente mencionados, ou mesmo aparentemente lembrados, como Lévi-Strauss, por exemplo, que esteve entre eles uma década antes de Darcy Ribeiro.

Ao que pude observar, há outros personagens brancos que são guardados com a mesma clareza, mas com sentimento oposto, pois são lembrados justamente pelo conflito: são invasores de suas terras. É notável a memória de personagens, sempre recorrentes em suas narrativas, como o fazendeiro de nome Malheiros, que usurpou parte de suas terras no início do século XX, ou a figura de Solano López, descrito como um interessado voraz nas terras dos Kadiwéu, pelo que estes o teriam matado.

Darcy Ribeiro não é tido como um branco como os outros, cuja representação mais marcada referencia-se na constante luta pelo resguardo do seu território. É muito visível como a questão da terra impregna os discursos de auto-representação Kadiwéu. Tal não foi diferente no que me disseram sobre Darcy Ribeiro. Por exemplo, alguns extratos do que dizem sobre este antropólogo:

Naquele tempo, quando o Boggiano esteve aqui, ele ajudava o índio. Ajudou a marcar o campo do índio, botar marca. O Boggiano foi chefe aqui.

Boggiano, nome dele é Betega. Decerto ele está vivo ainda. Correu tudo nossa linha. Andou por aí, levar indiada, sessenta velhos, Baía da Garça, Pau Fincado. O nome dele é Darcy. Diz que é filho do finado Boggiano, de antigamente. Este Darcy é filho dele.

O Darcy Ribeiro passou muito tempo aqui percorrendo a divisa. Antes dele, num tempo que não cheguei a alcançar, num tempo que o índio nem falava o português, o pai do Darcy já tinha vindo aqui e também conheceu todo este campo.

Parece ser de extrema importância a viagem que fizeram com o antropólogo pelo Pantanal, verificando os lugares de suas terras<sup>6</sup>. O fato de se preocuparem em ressaltar o conhecimento que também Guido Boggiani teria do seu território não parece gratuito. De fato, em suas duas viagens ao território Kadiwéu, Guido Boggiani percorreu um longo trecho do mesmo. Na primeira expedição, entre janeiro e março de 1892, deslocou-se das margens do rio Paraguai até o interior do território indígena, com itinerário marcado pelas aldeias Kadiwéu. Na segunda expedição, entre julho e agosto de 1897, seguiu pelo curso do rio Nabileque, percorrendo-o em toda extensão correspondente ao limite noroeste do atual território Kadiwéu, e continuando mais para o norte (LEIGHEB e CERUTTI, 1992, p. 68-69).

É significativo, também, o conteúdo de duas mensagens endereçadas a Darcy Ribeiro, gravadas durante a minha pesquisa. Tais mensagens contêm muitos indícios da importância com que foi recoberta a presença do antropólogo no passado. Elas combinam os pressupostos da incorporação daquele antropólogo até aqui argumentados e deixam clara, igualmente, a relação entre a reivindicação territorial e a de identidade, demarcada por símbolos buscados na história, quando a esta recorrem para caracterizar sua situação presente.

Num destes recados o informante inicia ressaltando o seu espanto em que houvesse questionamento sobre a posse Kadiwéu de seu território. O informante referia-se a uma grande parcela da terra Kadiwéu que encontra-se em litígio aguardando julgamento no STF. O relato prossegue enumerando os lugares e os nomes indígenas deles correspondentes, percorrendo, em pensamento, os marcos significativos que atestam a legitimidade da sua posse pelos índios. O informante mostra-se sempre indignado com os nomes que os brasileiros deram a estes lugares, pois, ao renomeá-los adulteraram a sua história, dando-lhes novos significados e novos donos.

No relembrar dessa trajetória, o informante recorda passo a passo a viagem que um grupo de Kadiwéu fez por este caminho junto a Darcy

Ribeiro, sendo este, portanto, testemunha ocular e também muito autorizado a confirmar a veracidade da afirmação indígena sobre os limites incontestáveis de seu território.

Os Kadiwéu falam de si próprios através de seu passado. Buscar na própria história elementos simbólicos para construção de uma identidade não é um processo exclusivo dos Kadiwéu, mas deles parece ser o preferencial. Darcy Ribeiro também viu as coisas do passado e pode compartilhar com os velhos este conhecimento. Assim, a segunda mensagem inicia-se considerando o “Boggiano” amigo de todos os Kadiwéu, amigo dos capitães do passado, hoje já mortos e cujos nomes são citados pelo informante. Novamente é mencionado o fato de Darcy Ribeiro conhecer todo o “campo dos índios”, notadamente a parcela em litígio. Darcy Ribeiro é chamado, desta forma singular, a testificar as coisas Kadiwéu, pois sendo um (quase) Kadiwéu, seria capaz de entender as coisas Kadiwéu.

Estes etnógrafos estariam por motivos intrínsecos à sua prática mais próximos do ideal de comunicação intercultural. Guido Boggiani foi possivelmente o único branco a demonstrar algum apreço por aquela sociedade e, portanto, alguma comunicação e entendimento, no panorama da relação com os brancos no final do século passado. Este século fatal para os Kadiwéu, que viram desaparecer quase a totalidade da numerosa população Guaikurú que habitava aquela região.

Darcy Ribeiro também esteve muito autorizado pelos Kadiwéu a usufruir desta proximidade. História e mito definiram uma aliança, e fizeram de Darcy Ribeiro alguém capaz de reconfirmar os símbolos Kadiwéu.

Os pressupostos Kadiwéu da gênese e devir de sua sociedade sustentam as suas representações da alteridade e indicam os limites desta relação. A interpretação de Darcy Ribeiro acerca da sua inclusão pela sociedade Kadiwéu é semelhante à dos próprios índios: a comunicação ou o compartilhar de referenciais é condição de pertencimento. A esta alia-se a articulação operada pelos Kadiwéu entre história e identidade, de forma a esclarecer sobre a maneira como Darcy Ribeiro foi chamado a se incluir no âmbito do seu projeto de se perpetuarem enquanto sociedade diferenciada.

## Abstract

This paper seeks to analyse the myths, the memory and the History of an Indian group named Kadiwéu which lives in the State of Mato Grosso do Sul (Brazil). In two different moments two ethnographers had left memories in this Indian group: one Italian, Guido Boggiani (1992; 1897) and the other one, the Brazilian Darcy Ribeiro (1947-48).

Key-words: Kadiwéu, memory; Indian History; Brazil.

## Notas

1. Os Kadiwéu são um povo indígena habitante de terras localizadas no Estado do Mato Grosso do Sul. São o único povo falante de língua Guaikurú no Brasil.
2. Realizei pesquisa de campo entre os Kadiwéu em 1992/93, da qual resultou minha dissertação de mestrado em Antropologia.
3. Ao nível da representação existe um paradoxo entre o real e o ideal: o branco era aquele impedido de entrar, embora a Terra Kadiwéu esteja há algumas décadas quase que totalmente ocupada por fazendeiros arrendatários.
4. Alguns desses mitos são de propriedade de famílias de capitães, mas também ancestrais míticos de cativos são protagonistas de histórias “que dão nome”. Se um cativo podia usar nomes dos mitos de seus senhores, o contrário também podia acontecer.
5. Os Kadiwéu enumeram uma série de práticas culturais próprias, ritos e objetos, descrevendo-os como tomados ou assimilados de outros povos: o “abanico”, paramento importante no ritual da menarca, os Kadiwéu contam que roubaram dos Terêna; o cocar veio dos Kayowá; a tecelagem do algodão é uma prática que copiaram aos Terêna; o uso da flauta e do tambor, instrumentos musicais imprescindíveis em suas festas, foram imitados dos paraguaios; a nabacenaganaga, uma modalidade de dança, também é descrita como um costume imitado dos paraguaios. O principal ritual Kadiwéu também é um grande “plágio”: os Kadiwéu escolheram o Navio (Etogo, em sua língua) – a mímica de um navio de guerra paraguaio – e que faz referência à Guerra do Paraguai, da qual participaram – como símbolo privilegiado de si mesmos.
6. Em carta dirigida a Herbert Serpa, chefe de seção do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, Darcy Ribeiro comenta esta sua viagem ao Pantanal, que teria se estendido por mais de vinte dias, em companhia de um grande grupo “incluindo homens, mulheres e crianças”. A expedição ocorreu entre julho-agosto de 1948 (cf. “Carta de Darcy Ribeiro a Herbert Serpa, Chefe do

SE/SPI, em 4 de agosto de 1948". Filme nº 381, fotograma 934, acervo do SPI, Museu do Índio-Funai).

### Referências bibliográficas

- BALDUS, Herbert. Introdução, in: BOGGIANI, G., *Os Caduveos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. p. 11-46.
- BOGGIANI, Guido. *Os Caduveos*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- LEIGHB, Maurizio e CERUTTI, Lino. *Guido Boggiani: Atti del Convegno Internazionale*, Novara, 8-9 marzo 1985, Banca Popolare di Novara, 1993.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- PECHINCHA, Mônica T. S. *Histórias de admirar: mito, rito e História Kadiwéu*. Dissertação de Mestrado, UnB, Brasília, 1994.
- RIBEIRO, Darcy (1980). *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Religião e Mitologia Kadiwéu*, SPI, Publicação 106, Rio de Janeiro.
- RICOEUR, Paul. Estrutura e Hermenêutica, in: *O Conflito das Interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 27-83.